

0,90

# Bion formador de analistas

Antonio Muniz de Rezende

É possível estar em formação com um autor com quem temos contato apenas pelos seus escritos? Neste artigo, o leitor verá uma resposta argumentada, audaciosa - e afirmativa.

O título desse artigo inspira-se no próprio Bion, quando diz que “num dado momento havia pensado em dedicar-se principalmente à análise didática”. Só não o fez, diz ele, “porque poderia ficar meio esotérico”. Por esse motivo, preferiu abrir um espaço maior através de seus livros, conferências, cursos e supervisões. No entanto, ainda assim, ele se comporta “como um analista que escreve para analistas que lêem” (*Second Thoughts*). É um analista que pensa, o tempo todo, na formação de novos analistas.

Faz, portanto, muito sentido perguntar como é que ele a concebe. A resposta encontra-se em toda a sua obra, mas começa por ser sugerida nos títulos e subtítulos de seus livros. A tal ponto que, com eles, podemos marcar os tempos fortes da “formação analítica segundo Bion”. O primeiro tempo é aprender, o segundo é crescer, o terceiro

é ser, o quarto é não ser, o quinto (que aparece depois da formação) é um momento de sabedoria.

## 1. Aprender

“Aprender com a experiência” é o título de um dos livros que compõem a Trilogia inicial. Só que ao usá-lo, Bion está assumindo uma certa posição, que é também filosófica, a respeito do que seja a aprendizagem através da análise. Dessa forma, podemos pensar tanto na análise como um processo de aprendizagem, quanto na aprendizagem como um dos aspectos essenciais da

Antonio Muniz de Rezende é psicanalista, membro associado da SBPSP. Professor titular aposentado da UNICAMP. Autor, entre outros, de *Bion e o Futuro da Psicanálise*, Papyrus, 1993, e de *A Metapsicanálise de Bion*, Papyrus, 1994.

própria análise. Para melhor explicitar seu pensamento, Bion serve-se de uma célebre frase de Kant: “conceito sem intuição é vazio, intuição sem conceito é cega”.

Na frase citada por Bion, o conceito corresponde ao aprender, a intuição corresponde à experiência. Tanto que podemos bionizar a frase de Kant da seguinte forma: “a experiência sem aprendizagem é cega, a aprendizagem sem experiência é vazia”. Mais precisamente, isto significa que a clínica sem a teoria é cega, e a teoria sem a clínica é vazia.

Ao fazer um uso psicanalítico da frase de Kant (o que lhe dá um respaldo de autoridade), Bion a transforma de acordo com o critério tantas vezes invocado, segundo o qual a psicanálise é como a práxis de uma determinada filosofia. Aqui, a filosofia de Kant. (Talvez fosse bom lembrar aquela passagem de “Memória do Futuro” em que Bion dialogando com Myself afirma que cita Kant a seu modo, para dizer o que ele próprio quer dizer).

De maneira condensada, o conceito a que Bion se refere é a teoria psicanalítica. Isso é muito importante em relação à formação, pois é a teoria psicanalítica que permite conceituar, isto é, nomear adequadamente, a experiência feita. O exemplo bem conhecido é quando ele diz a um paciente: “isso que o senhor está sentindo é o que eu chamo de inveja”. E poderia acrescentar: “é o que eu chamo de inveja kleiniana”. Noutras palavras, a experiência que está sendo vivida pode ser nomeada psicanaliticamente com a ajuda de um conceito que lhe é dado pela teoria kleiniana a respeito da inveja.

Em relação à formação, isso tem uma consequência prática que eu transformo assim: é preciso conhecer os melhores autores para aprender com eles a melhor teoria psicanalítica. Sem ela, correríamos o risco de fazer uma experiência sem poder nomeá-la adequadamente. Nesse sentido, é muito bom ler Bion como

alguém que conhece a teoria psicanalítica e é capaz de no-la transmitir. Grandes autores da psicanálise (não são tão numerosos assim!) são aqueles que nela introduziram alguma diferença significativa.

Eis alguns exemplos: uma diferença significativa na psicanálise de Freud é a ênfase dada à sexualidade. Para Lacan, a ênfase é na linguagem. Mélanie Klein privilegia o emocional infantil. Para Bion, a característica diferenciadora é a psicanálise do pensamento.

**É** a teoria  
psicanalítica que  
permite conceituar,  
isto é, nomear  
adequadamente, a  
experiência feita.

Essas diferenças são tão marcantes que, em torno desses autores, surgiram Escolas.

O outro lado da aprendizagem é a experiência. Que experiência? Ao responder, estaremos marcando mais uma diferença importante da psicanálise. O “lugar” (entenda-se o “topos”) para se aprender psicanálise não é a Universidade, nem o Hospital Psiquiátrico, nem o Concessionário, mas o divã (e a poltrona). Aprender com a experiência significa, para Bion, aprender com nossa própria experiência, vivendo a análise com a ajuda do analista. Numa perspectiva mais evoluída, como a adotada por Lacan, não se faz distinção entre análise didática e não-didática. Segundo ele, toda verdadeira análise é didática e todo

verdadeiro analista um didata. Dizer que uns são didatas e outros não seria o mesmo que dizer que uns fazem análise e outros não. Neste sentido é que Lacan tem uma frase importante, cuja interpretação não é tão simples assim: “l’analyste ne s’autorise que de lui-même”. Não é o título, não é o diploma, que o autoriza, mas o seu “ser” analista. “Ser” analista é que é importante, e não o título de didata ou não didata.

A experiência é feita no divã, com a ajuda do analista, pensando e falando, falando e pensando. Há uma dinâmica em tudo isso, pois o analisando encontra o “material” em sua própria análise para transformá-lo em “objeto psicanalítico” com a ajuda da teoria. Daqui a pouco vou falar sobre a auto-análise. Mas toda análise é também auto-análise. Ou melhor, toda análise verifica-se como uma análise que o paciente (candidato) faz, com a ajuda do analista, e que ele próprio vive. A análise é sempre vivida pelo analisando numa experiência de verdade.

Esse momento do divã é reconhecido por Bion como sendo a experiência básica na formação do analista. No entanto, ela se prolonga no “aprender com a experiência da poltrona”. Mesmo porque o candidato pode estar ora no divã, ora na poltrona. As duas experiências podem coexistir, como acontece, aliás, na maioria dos casos. E esta passagem do divã à poltrona é um momento de amadurecimento do analista, com um voto de confiança em si mesmo: “vou atender, vou começar a atender”. Do ponto de vista formal, institucional, era o analista didata que, antigamente, autorizava o candidato a começar a atender. Era um voto de confiança do analista, que assim reconhecia no candidato condições para tornar-se um analista de verdade.

Na poltrona, o novo analista observa e escreve, não sem se servir da ajuda da Grade, como um instrumento de “análise do discurso psicanalítico”. No caso de Bion, há

uma particular valorização da experiência de escrever, a tal ponto que podemos extrair, (particularmente de “Transformations” e “Second Thoughts”) uma verdadeira metodologia da escrita psicanalítica (exatamente aquela de que ele próprio se serve). Considerando-a um elemento importante na formação do analista, vale a pena enumerar suas diversas etapas, sem esquecer que ela só pode existir como um exercício da função analítica que vai, aos poucos, desenvolvendo-se.

São as seguintes as etapas dessa metodologia: observação, transformação, construção, interpretação, comunicação e publicação. Na observação, você procura ver e ouvir tudo o que puder, com olhos e ouvidos analíticos. Na transformação, você olha uma coisa e vê outra, ouve uma coisa e escuta outra, sem esquecer que o próprio paciente é o primeiro a transformar tudo aquilo que traz. A construção serve-se do material transformado, e prepara o momento seguinte da interpretação, isto é, com o levantamento de uma hipótese definitiva, à luz da teoria psicanalítica. De início é uma hipótese de interpretação que o analista guarda para si mesmo, até que possa comunicá-la ao paciente. A comunicação é um outro momento, a cujo respeito Bion diz que o analista deve usar uma linguagem que o paciente possa entender e, por outro lado, o faça crescer. Linguagem compreensível mas que abra novas perspectivas para o paciente. Uma última etapa é a da publicação, quando o analista comunica a outros analistas isso mesmo que está sendo vivido com o paciente. Pode haver então uma troca de idéias e de experiências, sem excluir a possibilidade de uma mútua supervisão.

Tudo isso integra o processo de aprendizagem analítica como tempo forte da formação. Esta última consiste em aprender psicanálise com a experiência analítica, isto é, uma experiência que é também pensada, amadurecida, com a ajuda de outros analistas, à luz da teoria psicanalítica.

## 2. Crescer

O outro momento forte na formação é o crescimento

to, como sugerido no subtítulo de *Transformações*: “mudança da aprendizagem ao crescimento”. É como se Bion dissesse: “você aprendeu? agora é hora de crescer”. Aliás, nem dá para separar. Na verdade, o crescimento é um outro vértice da mesma aprendizagem, pois o que se aprende era antes desconhecido. Na própria aprendizagem há crescimento. Por que então, a insistência no crescimento?

**S**imbolizar é  
 mudar de vértice,  
 descobrindo a  
 possibilidade de ver  
 as mesmas coisas  
 com outros olhos.

Gostaria de dar como exemplo o trabalho de Sônia N. de Rezende sobre “o papel da observação de bebês na formação de profissionais da saúde mental”. É o terapeuta que cresce ao fazer a observação. A vivência do aprender faz-se com transformações do próprio analista. Em que sentido? Desenvolvendo nele a função simbólica com a prática da mudança de vértice. Simbolizar é mudar de vértice, descobrindo a possibilidade de ver as mesmas coisas com outros olhos. E é reconhecer que o analisando não só é uma outra pessoa em crescimento, mas que seu crescimento pode ajudar o próprio analista a crescer. A relação analista-analisando proporciona a experiência da alteridade e da diferença na transformação de ambos.

Isso pode ser trabalhado mostrando as diversas dimensões do objeto psicanalítico, que se tornam mais claras com a ajuda das seguintes perguntas: você olha e vê o quê? você ouve e escuta o quê? você sente e faz o quê? você vê e pensa o quê? você afirma e nega o quê? (Trabalhei essas questões no curso de “Introdução ao pensamento de Bion”, oferecido em Campinas). Elas significam que você está pensando e que o paciente está fazendo você pensar. Paul Ricoeur sintetiza tudo isso em sua famosa frase “le symbole donne à penser”, o símbolo faz pensar. Vivida de maneira simbólica, a situação analítica faz pensar e crescer.

Em relação a essas dimensões do objeto psicanalítico é que podemos distinguir cinco graus de simbolização, (que eu trabalho mais longamente no meu livro, *Bion e o futuro da psicanálise*), em relação aos três modelos epistemológicos de que Bion se serve o tempo todo: o científico-filosófico, o estético-artístico e o místico-religioso.

Segundo Bion, a vivência da experiência analítica é uma vivência de crescimento tanto do paciente quanto do analista. E ele chega mesmo a dizer que uma boa interpretação faz crescer, pondo a mente do paciente em movimento, a tal ponto que não é certo que o analista seja capaz de acompanhá-lo.

## 3. Ser

Aprender para crescer, crescer para ser. Bion trabalha esse tema do ser (“Being”) principalmente a partir de *Atenção e Interpretação*, ao falar da Realidade Psíquica. No capítulo terceiro, depois de haver proposto a superação do modelo médico, ele diz que precisamos passar da realidade sensível para a realidade psíquica. Nessas alturas, serve-se de expressões tais como “o analista real” ou o “analista que é”. E o analista que é, é aquele que se en-

contra com a Realidade Última na própria mente do paciente. Não se trata de observar a Realidade Última, nem de entendê-la mas de ... ser.

Para Bion isso significa ter vida interior. O analista tem de ter vida psíquica. Ou então, usando essa mesma expressão, ele tem que ser um "ser psíquico". Tenho trabalhado essa questão distinguindo três tipos de

**V**erdade, vida,  
expansão e  
negatividade - eis os  
critérios da boa  
interpretação.

qualidade: qualidades primárias, qualidades secundárias e qualidades terciárias. Um analista "psíquico" precisa ter acesso às qualidades terciárias, como a um nível propriamente espiritual (simbólico, no dizer de Lacan). Se não tiver acesso a esse nível, não será capaz de identificar-se ao paciente em sua vida interior.

A esse respeito, é que Bion fala de uma mudança catastrófica como indispensável ao "estar-se-sendo" analista. A grande transformação é essa: você não era e passa a ser, mas com mudança no próprio ser. O exemplo que sempre dou é o de Galileu. Ele estava observando os astros e vendo como se movem. A seu lado, os cientistas se negavam a "olhar", invocando a teoria física de Aristóteles, segundo a qual os astros são imóveis. Se "olhassem e vissem" a teoria deles cairia por terra, catastroficamente, e eles teriam que entrar num mundo inteiramente diferente.

Ora, nós todos temos uma teoria sobre nós mesmos, sem excluir, é claro, o próprio paciente. Se ele for capaz de ver-se da maneira como é, suas teorias a respeito de si mesmo caem por terra. Assim surgem ao mesmo tempo os critérios de verdade e vida, que vou comentar daqui a pouco.

#### 4. Não-ser

Com o não-ser, vem a queda das teorias, mas vem também a coragem de reconhecer que "não sabemos" muita coisa a respeito da Realidade Última, que é de outra ordem. Nesse sentido, costumamos dizer que a psicanálise de Bion não é tanto uma psicanálise do inconsciente mas da Realidade Última Incognoscível. Tudo o que dizemos sobre ela, não é ela, nem corresponde ao que ela realmente é.

Isso coloca tanto o analista como o paciente numa atitude de despojamento, de um saber não-dogmático, de um saber não-instalado ou autoritário. Bion diz isso naquela proposta que ficou famosa: "sem desejo, sem memória e sem compreensão". Ser é mais importante que compreender, que lembrar-se, ou que fazer projetos.

Mas é um ser que é também não-ser, como sugerido pela Cesura. Quem se define estabelece os limites dentro dos quais se encontra, mas deixa em aberto a expansão do pensamento ao reconhecer que além dos limites pode haver muito mais do que dentro. O estranhamento torna-se inevitável. Estamos familiarizados com o que somos e conhecemos, mas há muito mais coisas que nos permanecem estranhas, misteriosas.

#### 5. Critérios

Na perspectiva da formação, tudo isso leva Bion a estabelecer critérios para uma boa interpreta-

ção. Critérios que precisam ser aprendidos não de maneira acadêmica, mas internalizados na própria vivência. Quais são eles? Critérios de verdade, vida, expansão e negatividade.

#### Verdade

O critério de verdade é apontado por Bion no texto sobre a "Cesura". Se estou atendendo um paciente e se ele vem procurar análise, o pressuposto inicial é de que ambos estejamos querendo fazer isso "de verdade". Não é uma brincadeira, não é uma representação, não é um jogo. Estamos à procura da verdade, tanto assim que, no fundo, a catarse, a liberação, é aquela que decorre da experiência da verdade. Falando a respeito da tolerância, Bion deixa entender que, no fundo, ela é relativa à verdade: "será que sou capaz de suportar a verdade sobre mim mesmo?"

#### Vida

O segundo critério (apontado em "Conversando com Bion") é um prolongamento do primeiro. Partindo do conflito entre pulsão de vida e pulsão de morte, uma interpretação que signifique vida tem de ser a preferida. Chega uma hora em que o paciente tem de escolher entre o que o levaria à morte e o que o conduz à vida. (Um rapaz homossexual aidético dava-me esse testemunho: havia entendido que tinha de renunciar a um tipo de experiências sexuais se quisesse não comprometer suas chances de vida). E isso é verdade: não há como evitar a cesura, a de-cisão. Quem suportá-la estará sendo favorável à sua própria vida. Há uma hora em que você tem que optar entre vida e morte, dizendo "sim" a uma e "não" à outra.

## Expansão

O terceiro critério é o da expansão (que já havíamos encontrado a respeito do crescimento) e que Bion apresenta de maneira muito clara em *Conferências Brasileiras I*. A interpretação que faz crescer, a experiência analítica que faz crescer, é também aquela que põe a mente do analisando em expansão, em sintonia com a expansão do universo em que se situa. Nós quase poderíamos dizer, partindo da experiência do autismo, que o autista se encontra num mundo muito pequeno, sem

**P**ara Bion, a formação ensina o analista a pensar e repensar psicanaliticamente a experiência psicanalítica.

possibilidade de expansão. Ora, a expansão é ao mesmo tempo crescimento do universo e da vida. Viver num mundo pequeno é ter uma vida pequena. Viver num mundo grande é ter uma vida grande. Dito de maneira mais simples ainda: num mundo pequeno, mesmo os pequenos problemas ficam relativamente grandes. Num mundo grande, mesmo os grandes problemas tornam-se proporcionalmente menores. Os problemas são grandes ou pequenos, relativamente ao universo em que se inserem.

## Negatividade

Esse quarto critério é apresentado em *Second Thoughts e Atenção e Interpretação*. No artigo intitulado "Uma teoria do pensar", Bion mostra como o moralismo tem a ver com a onipotência e a onisciência, em decorrência da intolerância à frustração. Dogmatismo onipotente e onisciente que nos leva a "afirmar", invocando nossa própria autoridade: "é assim como eu afirmo". O dogmatismo resulta da intolerância à frustração, a começar pela dificuldade em "negar" o que eu mesmo afirmo. A negatividade liberta-nos não só do moralismo, mas da pretensão de saber o que na verdade é incognoscível.

### 6. Uma psicanálise do Pensamento

Tudo isso ajuda-nos a entender em que sentido a psicanálise de Bion é uma psicanálise do pensamento, e em que medida a "formação psicanalítica" consiste também em formar pensadores. Bion ensina o analista a "pensar e a repensar psicanaliticamente a experiência psicanalítica". Isto significa, antes de tudo, desenvolver a função analítica (no sentido em que se fala de função alfa), como sendo uma função simbólica, uma função que transforma e ao mesmo tempo permite a assimilação do que foi transformado.

Dizer que a formação ensina o analista a pensar e a repensar a psicanálise como psicanálise do pensamento permite também entender um aspecto importante da clínica de Bion. Ele examina atentamente como pensam o psicótico, especialmente o esquizofrênico, e o neurótico.

Analisa o pensamento em relação a tudo o que vem antes e depois. O agir, mas também o atuar, decorrem de uma certa maneira de pensar. A análise do pensamento que "pre-

para" a ação é também uma forma de transformar esta última.

Se o pensamento em sua origem tem tudo a ver com a frustração e a tolerância a ela, o pensamento psicótico manifesta uma especial dificuldade em tolerar a realidade tanto externa como interna. Com ódio à realidade, ele a nega, fugindo ou atacando-a frontalmente. Uma de suas manifestações é a racionalização e a teorização desvinculada da realidade. Já a neurose pode ser entendida como uma defesa contra a psicose através do recurso ao imaginário. Só que ao fazer isso, o neurótico aí se enrosca, ficando preso numa rede de emoções. Não chega a ser uma negação da realidade, mas fica bem mais complicado levá-la em conta.

O esquizofrênico ataca o processo de pensar, por um lado, não estabelecendo uma boa articulação do pensamento, e, por outro, não estabelecendo vínculos afetivos com as pessoas. O ataque ao vínculo ("Attacks on linking") e ao elo de ligação é feito tanto aos pensamentos como aos pensadores.

### 7. Auto-análise

Essa proposta bioniana, ele a põe em prática em si mesmo, por meio da auto-análise. Ela é, por assim dizer, o ponto alto da formação, não no sentido de dispensar o didata, mas no sentido de um analista já ter desenvolvido suficientemente a função analítica a ponto de poder exercê-la sobre si mesmo.

A Trilogia final, que Bléandonu chama de "fantástica", eu sugiro que a consideremos como uma auto-análise, em que Bion deixa aflorar seu inconsciente tanto em sua forma primitiva, como atual. É o espermatozóide (Bion) que fala com o óvulo (Bion), e o somito (Bion) que conversa com o homem adulto (Bion), mas é também Bion e Myself, procurando articular-se, e nem sempre conseguindo. É que a auto-análise ocorre

como uma experiência da Realidade Última, e, portanto, na negatividade.

Essa auto-análise, eu quase diria, é o sinal de que houve formação, e de que o analista conseguiu fazer a experiência, aprendendo com ela, vivendo-a de maneira criteriosa, podendo aplicar a si mesmo tudo o que foi aprendido. O momento da auto-análise é um momento de autonomia em relação, digamos, ao “meu analista” e ao “meu paciente”.

## 8. Re-análise

Chega, no entanto, um momento em que, na relação com “meu paciente”, eu encontro meus próprios limites e sinto necessidade de re-análise. Ela é vital para todos nós. É então o caso de dizer que a formação psicanalítica não termina nunca. Se a experiência de auto-análise é um momento importante no sentido da maturidade do analista, essa própria maturidade o leva a reconhecer que ainda há coisas não-trabalhadas, e que aparecem no seu relacionamento com o paciente. Volto à análise como uma necessidade vital, sentida por mim, especialmente no relacionamento com meus pacientes.

Pensando nos quatro critérios, posso dizer que, se sou verdadeiro comigo mesmo e com meu paciente, vai chegar o momento em que vou reconhecer a necessidade de mais análise. Sentir, de verdade, que para viver minha análise, eu preciso de re-análise.

Não se trata de estabelecer um cronograma: “de cinco em cinco anos, faça-se uma re-análise”. Essas coisas não podem ser cronometradas dessa forma, mas têm de ser vividas.

## 9. Revisão

Nesse contexto de reanálise, situa-se também a experiência da revisão de alto nível (*Second Thoughts*). É quando dois analistas

experientes, formados, trocam suas experiências, um tentando aprofundar com a ajuda do outro. Ou dos outros, porque a revisão pode ser feita em grupo. Na perspectiva de Bion, esta seria a função das famosas reuniões científicas nas Sociedades, quando um analista experimentado traz um caso com o qual está trabalhando, e para o qual pede a colaboração dos colegas.

Não se trata de “cumprir o regulamento”, mas de atender a uma necessidade, em alto nível de troca de experiências. Ao mencionar esse “alto nível”, estou pensando numa expressão de Fernando Pessoa ao

Quem frequenta  
Bion entra num  
processo exigente de  
verdadeira  
transformação.

falar do “estado de graça” do escritor. É um nível e um estado em que “0” acha-se presente, e em que a experiência analítica é algo vivo, comum a todos os que estão participando.

Se é um estado de graça, é também uma experiência de fé. De fé em “0”, pois não vemos às claras. Não se trata de jogar fumaça nos olhos de ninguém (o que seria uma maneira errônea de entender a cegueira artificial de que nos fala Freud). Trata-se antes de reconhecer que a realidade psíquica não é visível, mas pode ser experimentada no nível do ser.

## 10. A experiência final

No fim, a grande transformação não é nenhuma visão beatífica, nenhuma revelação, nenhum deslumbramento. É antes o grande momento de humildade, de despojamento, de “Abgeschiedenheit”. No final da vida, num artigo de abril de 1979, Bion escreveu essa frase: “a gente só faz aquilo que pode fazer”. Quando alguém chega a esse nível de despojamento em que reconhece os próprios limites, é porque atingiu um nível superior de sabedoria: você sabe que não sabe! Você não está mais na ilusão de saber. Aí, sim, você pode acolher seu paciente, e tudo que ele traz, sem se escandalizar, sem cobranças, sem desejos, mas, ao contrário, criando condições para que o paciente faça a sua própria experiência.

## Conclusão

Termino reafirmando que Bion é um formador de analistas. Sua obra, toda ela, é uma obra de formação. Quem frequenta Bion entra num processo de formação que é ao mesmo tempo de crescimento, de transformação, e muito exigente, porque muito verdadeiro. Desse ponto de vista, gostaria de dar um testemunho pessoal: sinto-me em formação com Bion, e sinto quanto bem isso me tem feito. Sinto quanto isso me tem ajudado a viver minha análise, a começar por minha relação com meus pacientes, mas também em minha auto-análise. Acho que todos os que vivem ou convivem com o pensamento de Bion vão nessa direção de viver sua análise, quer na forma da análise, da re-análise ou da auto-análise, sentindo que a experiência analítica é possível, e pode ser verdadeira.

Evidentemente, outras propostas também chegam a resultados positivos. Creio, porém, que no caso de Bion, eles se tornam quase patentes, ao longo do caminho proposto para a formação.